



GT 56. Memória e território: saberes e resistência em assentamentos rurais.

Coordenador(es):

Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro (UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)
Sueli Pereira Castro (PPGAS)

Patrimônio cultural e território são termos complementares que expressam etnicidade, memória, relações de produção e práticas simbólicas, caracterizando diferentes formas de apropriação e uso da terra. Muitos desses grupos sociais que hoje discutem um projeto político no qual possam se colocar, restabelecem a unidade grupal perante o enfrentamento com a sociedade, revelando novas formas de sociabilidade a partir de uma situação de conflito. Nesta perspectiva, os assentamentos rurais na atualidade brasileira representam a construção de “novos territórios”, de espaços de apropriação, ou seja, a reterritorialização de famílias, envolvidas em perdas e conquistas de espaços de vida camponesa. Como estratégia de desenvolvimento rural, os assentamentos têm na agroecologia a sua lógica de produção, opondo-se ao modelo tecnológico baseado no produtivismo do agronegócio. Ao produzirem uma agricultura com base na preservação dos territórios, esta forma resgata a importância de um modo de vida camponês. Resgate este que possibilita novas formas produtivas, pautadas por projetos participativos de produção e circulação de produtos, contribuindo para enfrentar a destruição do meio ambiente e a exclusão social, duas consequências desastrosas e despolitizadoras agrárias pautadas pelo neoliberalismo. A criação desses espaços de trabalhos coletivos e solidários, tem integrado ao processo produtivo: homens, mulheres e jovens na perspectiva de combater a vulnerabilidade das populações do campo.

Jardim Suspenso alternativo a partir do plantio agroecológico de ervas medicinais

Autoria: Regina Kátia Oliveira Rosa (UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

Este work gerou seu embrião, partindo da oportunidade que tive de desenvolver um projeto, que unisse o plantio agroecológico, como base do cultivo de plantas medicinais como possibilidade de agrega-lo à agricultura familiar, e desenvolve-lo em um Jardim Suspenso, com a utilização de material reciclável distintos, como: Garrafas pet, pneus, e paletes. Que tanto contribuirão com a preservação do ambiente, como pelo seu baixo custo e facilidade em consegui-los. Segundo a Organização Mundial de Saúde, ultimamente tem se observado um aumento repentino do interesse tanto do plantio, como pelo consumo de plantas medicinais, pois, estas se apresentam como alternativa terapêutica, que possui grande eficácia quando comparadas aos medicamentos sintéticos. Existe um quantitativo extenso de várias espécies vegetais, consagradas pelo uso popular, mas, no entanto, poucas conseguiram obter comprovação médica, ou científica. As plantas medicinais compreendem espécies herbáceas, arbóreas, e arbustivas, que podem ser encontradas tanto espontaneamente como tendo que ser cultivadas, isso acontece de acordo com cada região, e é nesse sentido, que desenvolvi este projeto com a intenção de unir o campo a cidade, através de um work que pudesse tanto ser desenvolvido em um lote de assentamento do MST (sudeste do Pará) na zona rural, como em um apartamento na zona urbana. Com isto, pretende-se problematizar e discutir temas como a biopirataria na Amazônia na Amazônia e a importância dessas plantas para o contexto do xamanismo no sudeste do Pará. Vale ressaltar que esse projeto vem tomando forma a partir da minha participação no curso de Educação do Campo, como também no Núcleo de Estudo Xamanísticos na Amazônia (Unifesspa)

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: